



NEGLIGÊNCIA QUANTO A PESQUISA HISTÓRICA SOBRE LUCRÉCIA BÓRGIA RESULTANDO EM MÁS REPRODUÇÕES DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO EM PERSONAGENS DE NOVELAS: OS CASOS DE PAOLA BRACHO E JÔ PENTEADO, E O QUE PODEMOS APRENDER COMO PROFESSORES?

NEGLIGENCE REGARDING HISTORICAL RESEARCH OF LUCRÉCIA BÓRGIA RESULTING IN POOR REPRODUCTIONS OF GENDER STEREOTYPES IN SOAP OPERAS: THE CASES OF PAOLA BRACHO AND JÔ PENTEADO, AND WHAT CAN WE LEARN AS TEACHERS?

Fabiano Cabral de Lima*

RESUMO:

Este artigo foi escrito pensando nas formas em que personagens de novelas foram interpretados historicamente, levando em consideração estereótipos e estigmas. Este artigo faz parte de uma pesquisa, que depois idealizou um trabalho que será publicado no livro Ensino de História e Teledramaturgia, (DA SILVA, DA COSTA, DE LIMA, 2024) no prelo para 2024. Trabalhamos aqui com três personagens: Lucrécia Bórgia, Jô Penteado e Paola Bracho. Ambas são interligadas pelos estereótipos e pela estigmatização. Trazemos aqui análises de duas cenas de telenovelas, e reflexões sobre a necessidade da pesquisa Histórica para que não haja problemas relativos ao estigma e construção de estereótipos negativos de gênero, tudo isso por um ensino de história mais preciso reproduzido pela teledramaturgia.

PALAVRAS CHAVE: Novela, Estereótipo, Ensino de História

ABSTRACT:

This article was written thinking about the ways in which soap opera characters have been interpreted historically, taking into account stereotypes and stigmas. This article is part of a research, which later created a work that will be published in the book Teaching History and Teledramaturgy, (DA SILVA, DA COSTA, DE LIMA, 2024) in print for 2024. We work here with three characters: Lucrécia Bórgia, Jô Penteado and Paola Bracho. Both are interconnected by stereotypes and stigmatization. Here we bring analyzes of two scenes from soap operas, and reflections on the need for historical research so that there are no problems related to stigma and the construction of negative gender stereotypes, all for the sake of more accurate history teaching reproduced by teledramaturgy.

KEYWORDS: Soap opera, stereotypes, history teaching.

* fabianokbral@gmail.com

Introdução

Lucrécia Bórgia é uma mulher renascentista, que viveu na península Itálica entre 1480 e 1519. Há uma mitologia construída sobre a sua personalidade, envolvendo ela diretamente na morte de seus maridos, pois ela havia sido casada por três vezes. Lucrécia Bórgia sofreu problemas na História, sendo algumas vezes demonizada pela sociedade que não aceitava as suas fugas do tradicional, como por exemplo, no trecho abaixo de AZEVEDO, et. Al (2008) em que relata a sua posição contra a perseguição de judeus pela Igreja Católica:

Lucrécia Bórgia entrou para história como uma mulher má, envenenadora de seus maridos, mas a história contada pelas correspondências da época mostra uma mulher bem diferente. Além de ser linda e delicada como a Santa Catarina de Pinturicchio dos aposentos dos Bórgia, há relatos de que quando governou Ferrara em ausência de seu marido, ela foi justa proibindo discriminações contra os judeus, aplicando severas penas aos que as descumprissem. Após uma guerra que deixou Ferrara em ruínas, Lucrécia chegou a hipotecar suas jóias para ajudar o marido que já reconheceria há tempos as virtudes da Duquesa de Ferrara. (AZEVEDO et al., 2008, pag. 4)

No trecho é relatado ainda que ela governou Ferrara nas ausências do marido, tomando decisões progressistas para a época a favor de judeus, perseguidos por católicos.

O pai de Lucrécia era Papa da igreja Católica e a Legislação cristã da época permitiu que ela fosse regente, e o pai dela, o Papa Alexandre VI, precisou se afastar da Igreja Católica por alguns dias, isso a tornou representante da Igreja em determinados momentos, sendo ela considerada simbolicamente a única Papisa da História, por governar a religião por esse tempo.

Pesquisas recentes demonstram avanços sobre estudos do comportamento das sociedades renascentistas, demonstrando ser comum envolvimento extraconjugais dentro de uma sociedade com casamentos arranjados, e com mulheres e homens se

casando muito jovens, como resultado do interesse particular de alianças financeiras entre famílias.

A personalidade de Lucrecia Borgia pode ter sido injustificada por um lado da História, o mitológico apenas a reconhecendo como uma mulher transgressora, que assassinou ex-maridos e casou-se por interesses. Por outro lado, mostra ela como uma mulher adiante do seu tempo, libertadora e com capacidades de liderança. É dentro desses dois lados que caminham Jô Penteado e Paola Bracho nas tramas *A Gata Comeu* (1985) e *A Usurpadora* (1998), reprisadas no ano de 2017 no mesmo horário de 15:30 da tarde, pelos canais Viva (Globosat) e SBT, e assim são denominadas pelos novelistas como “Lucrecia Borgia” nas tramas.

Imagem 1. Lucrecia Borgia, Jô Penteado e Paola Bracho



Lucrecia Borgia, pintada por Bartholomeu Venetto,
Jô Penteado, interpretada Por Cristiane Torloni (TV Globo, 1985)
e Paola Bracho interpretada por Gabriela Spanic (TelevisaUnivision, 1998).

O objetivo deste artigo é analisar a apropriação da personalidade de Lucrecia Borgia nas tramas, e encontrar informações sobre a apropriação realizada pela TV Globo e TelevisaUnivision em formatos de mídias comerciais. Há indícios de que estereótipos femininos (COSTA, 2000) são divulgados em novelas, e que geralmente a produção dessas novelas tem maior participação masculina e conservadora, oriundas do cristianismo como religião. Há um estereótipo montado sob um ponto de vista religioso na elaboração de personagens mulheres, com personalidades fortes, e políticas em novelas, com a intenção de venda para o consumo de um público específico (HAMBURGUER, 1998).

Lucrécia Bórgia sofreu durante a História problemas com um estereótipo derivado de uma cultura cristã, e isso é refletido nestas novelas que se apropriam de sua História.

A metodologia desta pesquisa é uma análise audiovisual para a uma composição de uma História, e também uma análise de História Comparada, que de acordo com March Bloch (1930) podemos fazer este uso porque há “...diferenças que apresentam duas séries de natureza análoga, tomadas de meios sociais distintos.”, já que observamos apropriações políticas distintas em países diferentes desta personagem de outra época, de origem renascentista, em uma época moderna e depois contemporânea conforme veremos a seguir.

Possível origem da má-apropriação da Biografia dos Bórgias

Foi no ano de 1833 que o dramaturgo Vitor Hugo publicou uma peça se apropriando pela primeira vez para o teatro em formato larga escala da personalidade de Lucrécia Bórgia. É nesta peça teatral em que vemos o estereótipo da mulher que desafia o conservadorismo católico, por ter sido filha de um papa, descrito pela cultura cristã como “odiado”. Na mesma trama mostra uma Lucrécia que se apaixona pelo seu filho e o mata no decorrer da mesma. A peça sofreu forte censura da igreja na época, passando por diversas edições.

De acordo com VIEIRA (2015), a origem da perpetuação da má reputação da família Bórgia é voltada pela biografia realizada pelo historiador protestante alemão Ferdinand Greroróvios, com o objetivo de romantizar a história da família de Lucrécia Bórgia.

De acordo com a autora VIEIRA (2015) o gênero romance na época publicado em livros, tinham como objetivo alcançar a quem tinha o domínio literário na Europa na época, que no caso era a Burguesia.

O Romantismo na Europa, como movimento cultural, é oriundo do século XVIII, nato dentro do movimento Iluminista, que inspirou a Burguesia a criticar a igreja e as monarquias, conforme é demonstrado no trecho a seguir:

Para Vaillant seria ingenuidade caracterizarmos os distanciamentos entre o Romantismo(s) apenas pela carga subjetiva e pessoal dos seus escritores. Ele o diferencia também a partir de suas formas específicas,

elencando como principal elemento de diferenciação, a experiência de nacionalismo e reivindicações democráticas em cada um dos territórios mencionados. Sendo assim, “o romantismo corresponde ao período que, para cada país europeu ou sob influência europeia, se estendeu da emergência das primeiras aspirações políticas nacionais ao estabelecimento de uma democracia parlamentar”. Todo o romântico carrega em suas linhas influências de sua época e de todas as “atividades culturais, artísticas, intelectuais e literárias que se desenvolveram durante esse período de transição”. (VIEIRA, 2015. P. 58.)

Há uma constante propaganda realizada nesta época contra as monarquias e a Igreja na época na Europa, portanto, há de certa forma uma estereotipagem da família Bórgia, e por consequência de Lucrecia, devido a aproximação da família com a Igreja em seu passado, e com a monarquia, que eram as críticas burguesas do momento. E isso é mais expresso no trecho a seguir de VIEIRA (2015):

Conhecida como uma das damas mais polêmicas do Renascimento, Lucrecia, simboliza uma clara deturpação da pureza feminina. Seu pai e – principalmente seu irmão, Cesar Bórgia, manchou a até então mácula alma da pobre moça, com seus desejos demoníacos puramente mundanos de prestígio, conquista e permanência no poder secular. Essa é a opinião de Gregorovius. Em todo o seu texto deixa sinais claros de que a macula na alma de Lucrecia e seus comportamentos imorais só existiram porque a moça nasceu e cresceu num ambiente totalmente deturpado e pecaminoso. (VIEIRA, 2015. P. 64.)

No trecho anterior, VIEIRA (2015) mostra como Gregoróvius se apropriou da personalidade dos Bórgia, mais especificamente de Lucrecia para descrever uma crítica a sua personalidade acima de seu tempo, estereotipando uma visão do autor, através de pensamentos religiosos, conforme a seguir:

Ferdinand Gregorovius projetou em suas linhas a Alemanha do seu tempo. Foi um cidadão europeu movido pelas questões políticas e sociais. Objetivava contribuir enquanto crítico e produtor de conhecimento histórico. Para tanto, encontrou na figura de Lucrecia Bórgia um perfeito gancho, que lhe permitia falar de forma crítica e irônica sobre religião, moral, ética e pudor. Qualquer indivíduo quando escreve, sendo historiador ou não, acaba de uma forma ou outra imprimindo o seu modo de ver o mundo. (VIEIRA, 2015. P. 65.)

É partir deste mote da apropriação realizada na História sobre o “ser Lurécia Bórgia” é que analisaremos as mídias no capítulo seguir, e daremos as considerações finais em seguida.

Mulheres estigmatizadas pelo passado e estereotipadas no presente

A partir do conceito de estigma de Erving Goffman (1988), e das “Representações do Eu Na Vida Cotidiana” (GOFFMAN, 1985) podemos analisar como são as dinâmicas sociais que envolvem a reprodução de estereótipos femininos na sociedade. Em seus livros, Erving Goffman discute como as pessoas lidam com identidades estigmatizadas e como essas identidades afetam a maneira como são percebidas e tratadas pelos outros. A identidade de Lucrecia Borgia foi estigmatizada ao longo do tempo, onde uma sociedade patriarcal não compreendia que uma mulher poderia ter tantos poderes como os homens. A noção de igualdade de direitos políticos ainda não era esclarecida, e más leituras e porque não anacrônicas sobre a Bíblia, faziam a sociedade por um tempo compreender que o espaço de liderança por uma questão divina era masculino. As mulheres historicamente tinham que obedecer um sistema onde os cuidados domésticos era a sua função. Mulheres que desempenharam papéis geralmente masculinos de época foram julgadas e condenadas pela igreja católica, que dominava politicamente o mundo moderno.

O estigma de Goffman (1988) refere-se a características que desvalorizam uma pessoa dentro de um contexto social específico. Pode ser físico, como uma deficiência, ou social, como uma origem étnica, ou orientação sexual. Não fala sobre as mulheres, porém, Goffman observa que indivíduos estigmatizados frequentemente precisam administrar suas identidades para minimizar a visibilidade de seus estigmas, a fim de evitar estereótipos prejudiciais e discriminação. Isso pode levar a um processo de "impression management", onde as pessoas controlam as informações que revelam sobre si mesmas para gerenciar a percepção dos outros. Lucrecia Borgia nas reproduções das telenovelas que estamos analisando, aparece como um símbolo de estigmatização, de uma ideia má construída de “devoradora de homens”. Foi criado portanto, um rótulo que estigmatizou a sua representação virtual Histórica.

Aqui é onde a relação com a reprodução de estereótipos e o estigma se interligam. Os estereótipos são generalizações simplificadas, originadas de juízos de valor, distorcidas sobre grupos de pessoas com base em características compartilhadas, como gênero, raça, religião ou orientação sexual. Esses estereótipos frequentemente

contribuem para a estigmatização, perpetuando ideias preconcebidas e negativas que podem influenciar o tratamento dado a pessoas estigmatizadas. Michel Misse (1979) em seu trabalho discute formas em que o estigma podem surgir nas construções femininas de estereótipos sobre os “passivos sexuais”, que ao serem femininizados pelos homens na sociedade, são rótulados e estigmatizados como pessoas inferiores, como por exemplo a tipologia contruída da “bicha passiva”. Ocupar uma posição feminina é de fato estigmatizável, por localiza-se em posição de desacreditado, como as mulheres sepre foram na nossa história, pela visão patriarcal no mundo contemporâneo, porém, é uma visão que está passando por desconstruções. Aqui é importante sinalizar que não é uma comparação entre o machismo que as mulheres sofrem na sociedade com o que homens cisgêneros gays ou transgeneros sofrem, mas sim, talvez contribuir para uma discussão sobre o mal que o patriarcado faz sobre toda a humanidade, quando o patriarcado hiarquiza a questão de gênero.

Existem no tempo presente diversos estudos relacionando o estigma às características do feminino de forma histórica (MOREIRA, BÓRIS, VENÂNCIO, 2011; SALVINI, SOUZA, MARCHI JUNIOR, 2015) seja nas questões de saúde coletiva ou nos esportes. Mulheres portanto, em alguns sistemas sociais são postas como “desacreditadas” e no que a aproxima a história ao longo do tempo sobre Lucrécia Bórgia, foi o fato dela ser mulher, e ter uma personalidade que representou politicamente um Estado, e como uma mulher desacreditada, foi distorcida nas visões dos homens que as descreveram nas literaturas de épocas.

Goffman argumenta que a sociedade frequentemente adota “normais” como padrões de comportamento e aparência, e qualquer desvio dessas normas pode resultar em estigmatização. Portanto propõe-se se aqui um debate, onde ou até que ponto a mulher tem que se comportar na sociedade para não sofrer estigmas e rótulos? Ao fazer isso, a sociedade reforça a reprodução de estereótipos, tornando difícil para os indivíduos estigmatizados escaparem dessas categorizações prejudiciais. Por exemplo, um estereótipo de que certas profissões são “apropriadas” apenas para homens pode levar mulheres a enfrentar estigmas ao ingressar nessas áreas, independentemente de suas habilidades, como por exemplo no futebol que em lugares como o Barsil, as mulheres ainda estão em luta pelo reconhecimento social e Histórico (SALVINI, SOUZA, MARCHI JUNIOR, 2015).

A formação de estereótipos, estigmas ou rótulos sobre personagens mulheres históricas pode gerar problemas para o ensino de História. Isso ocorre porque essas representações simplificadas e muitas vezes distorcidas podem obscurecer a verdadeira história dessas mulheres, bem como sua contribuição para a sociedade. Além disso, a perpetuação desses estereótipos pode levar a uma compreensão incompleta e inadequada da história, o que pode ter consequências negativas para a educação e a sociedade como um todo.

De acordo com Joan Scott (1988), é importante desvelar as relações de poder subjacentes às construções históricas. Scott argumenta que o gênero é uma categoria central na produção de conhecimento histórico e, portanto, a perpetuação de estereótipos de gênero distorce não apenas a compreensão de mulheres na história, mas também a própria narrativa histórica.

A tendência de atribuir rótulos simplificadores a mulheres históricas pode ser observada em diversas esferas, desde a caracterização excessivamente romantizada, como é o caso da leitura histórica sobre Lucrecia Borgia, até a redução de suas contribuições a estereótipos limitados. Por exemplo, as mulheres são frequentemente retratadas como figuras passivas, relegadas ao papel de coadjuvantes na construção de civilizações e eventos históricos. Isso não apenas diminui a importância de suas realizações, mas também prejudica a compreensão da complexidade das relações de poder e das dinâmicas sociais ao longo do tempo.

Além disso, a obra de Mary Beard (2018) destaca como os estigmas historicamente associados às mulheres, como a ideia de que suas vozes são naturalmente menos autoritárias, contribuem para a sub-representação e subvalorização de suas histórias. A perpetuação desses estigmas nas salas de aula limita a visão dos estudantes sobre o papel das mulheres na história, marginalizando suas contribuições e reforçando hierarquias de gênero. No caso de Lucrecia Borgia, a visão estigmatizada sobre a sua personalidade reproduz um machismo, que é historicamente reproduzido pelas narrativas do passado.

Bastos e Nogueira (2016) mostram que inclusive nos contos de fadas, da literatura infanto juvenil historicamente as mulheres sofrem com a estereotipização de gênero, sendo elas, quando vilãs, vítimas das punições mais violentas. Paola Bracho termina morta após acidente automobilístico, e Jô “domada” (nome dado pelos

personagens ao fato do Professor Fábio, que é um homem machista a novela inteira, casar com ela). Claro que isso são marcas de época, afinal são novelas em que os seus textos originais são de um espaço tempo distante ao que vivemos até o fechamento deste artigo.

Portanto, no caso de Jô Penteado e Paola Bracho podemos ver reproduções de estigmatizações e uma estereotipia sobre mulheres que fogem de padrão que se recusa em se rebaixar ao patriarcado. São duas personagens estigmatizadas e rotuladas por toda a novela por não representarem padrões cristãos. Jô Penteado é uma “Lucrécia Bórgia” por ter vários ex-namorados, e Paola Bracho, por ter diversos amantes. Isso escrito em texto pelos autores que criaram essas personagens.

Na próxima sessão deste texto, vamos analisar como as novelas contemporâneas reproduzem a visão distorcida da personalidade construída por homens sobre Lucrécia Bórgia.

Apresentação de casos: Jô e Paola.

Jô Penteado é constantemente chamada de Lucrécia Bórgia nos textos de “A Gata Comeu”, de 1985, por ter se relacionado, e terminado com sete homens diferentes, e por não sentir apaixonada de verdade por eles. No final, Jô termina a novela casada com Fábio, grávida e se identificando como mãe dos filhos do casamento anterior de Fábio.

Paola Bracho no texto de “A Usurpadora”, se equipara a Lucrécia Bórgia, tentando intimidar Piedade, que é sua sogra-avó, ameaçando de envenenamento. Paola tem relacionamentos livres com diversos homens na novela, apesar de estar casada com Carlos Daniel.

Vamos analisar de forma netnográfica um trecho de cada novela que está disponível em plataformas digitais, para observar espaços onde Lucrécia Bórgia surge rotulada pelas personagens e com dados estigmatizantes.

Sinopse de “A Gata Comeu”, e apresentação do caso “Jô Penteado”:

A história da novela é sobre Jô Penteado (Christiane Torloni), que é apelidada de Lucrécia Bórgia pelos personagens dentro do folhetim, pois a protagonista havia

tido relacionamentos com sete homens diferentes seguidos, porém, a própria descobre no decorrer da trama que nunca os amou de verdade, e que por isso terminou os relacionamentos. A personagem descobre um novo amor durante uma tentativa de viagem para Angra dos Reis, quando acontece um acidente, e ela é obrigada a conviver em uma ilha deserta com o personagem Professor Fábio Coutinho (Nuno Leal Maia). O acidente ocorre quando há uma tentativa de sabotagem feita por Edson (José Mayer), que faz a lancha que carrega também a turma de crianças da escola que trabalha Fábio e alguns amigos e a irmã de Jô (Lenita – Personagem de Déborah Evellyn) para a viagem até Angra dos Reis.

Na ilha deserta encontrada pelos náufragos, eles se organizam, e tentam sobreviver da comida levada para a viagem, e dos alimentos caçados e coletados na ilha.

Durante a viagem, Jô tem desentendimentos com Fábio e Paula (namorada de Fábio, personagem da atriz Fátima Freire). O desentendimento com Fábio é devido a uma possível liderança dele sobre o grupo de náufragos, que ela compreende como antidemocrática, e decide separar o grupo dos amigos dela, do grupo de Fábio, tornando o grupo dela, um grupo de ricos, e o grupo de “pé rapados” como é designado pela personagem na novela, ao grupo de Fábio.

Já o desentendimento com Paula, é derivado de uma demissão de Paula da empresa de Horácio Penteado (Pai de Jô na Trama, e personagem do ator Mauro Mendonça), que teria como motivo, um deboche que Jô ouviu sobre a sua fama de “Lucrecia Borgia”, que observaremos ao longo deste trabalho, realizado por Paula em brincadeira com os personagens funcionários da empresa. O desentendimento entre Paula e Jô se desenvolve na ilha, quando Jô se revela sonâmbula, e durante as suas crises de sonambulismo, se aproxima de Fábio, indo dormir com ele.

Também se desenvolvem na trama tentativas de sabotagem do casamento de Fábio e Paula, realizados pela Jô como vingança não explicada contra a Paula, e também oriunda da descoberta dela através de consultas com analista, e conversas com o padre, e a sua amiga Ivete (Nina de Pádua), que na verdade ela estava desenvolvendo uma paixão pelo Fábio. Paixão de forma compulsiva e abusiva nas linguagens atuais.

Em um momento em que Jô perde a memória depois de um desmaio na novela, Jô, casada com Fábio (mas não se lembra) reúne seus 7 ex-namorados em uma festa, com a presença de Fábio, que se sente constrangido e força um beijo dela na

frente dos convidados. Após uma nova excursão para Angra dos Reis com todos os envolvidos na primeira, Jô recupera a memória e a sua vida com o Fábio e os filhos do Professor que têm nela como uma mãe, mesmo apesar das implicâncias de Gláucia e Esther, sua irmã de criação e a sua madrastra.

Fazendo agora uma netnografia sobre um trecho de um diálogo da novela, no primeiro capítulo, a personagem Paula, até então secretária das empresas do pai de Jô, Horácio Penteado, é flagrada por Jô fazendo a seguinte fala, com outra secretária amiga dela:

Paula:

- Agora cá pra nós hein, esse Doutor Horácio é muito metido a besta

Secretária:

- Que isso Paula

Paula:

- Besta sim, igualzinho as filhas dele, agora aquela tal de Joana então, Deus me livre.

Secretária:

- Joana não, Jô.

Paula:

- É Joana deve ser nome de pobre, já reparou até o apelido dela é bestinha, Jô. Ela chega aqui esnoba todo mundo. Você sabe como ela é chamada por aí?

Secretária:

- Não.

Paula:

- Lucrécia Bórgia

Secretária:

- Ué, Porque?

Paula:

- Porque ela vive fazendo uma coleção de noivos. Noivo pra ela é material descartável. (A GATA COMEU, 1985)

Imagem 2. Cena de A Gata Comeu, Capítulo 1.



Descrição: Cena em que Paula a direita, comenta com outra secretária, a esquerda, sobre o apelido de Lucrécia Bórgia de Jô Penteadado ao centro. É neste momento que Jô ouve tudo, e pede a demissão de Paula. Paula é noiva de Fábio, professor por quem Jô se apaixona após o acidente durante a excursão para Angra dos Reis. A Gata Comeu, Cap. 1. Globoplay, 2023.

Temos neste cena, a interação entre fachadas construídas pela autora da novela, Ivani Ribeiro, interpretadas pelas atrizes Fátima Freire (Paula) e Cristiane Torloni (Jô Penteadado). Nessas interações observamos a estigmatização de Lucrécia Bórgia, fora de contexto Histórico, reproduzindo as literaturas modernas construída por homens.

Sinopse de “A Usurpadora”, e apresentação do caso “Paola Bracho”.

A história da novela se passa sobre a história de Paola e Paulina (Gabriela Spanic), que se descobrem irmãs gêmeas próximo ao final da trama. Paola é uma mulher de classe alta, casada com Carlos Daniel Bracho (Fernando Colunga) um empresário do ramo de cerâmica, que herda a empresa de sua família. A empresa se encontra em crise financeira, a ponto de funcionários decretarem greve no decorrer da trama. Com Paola, ele possui uma filha adotiva caçula, uma criança, porém ele possui um filho mais velho, uma criança também, Carlinhos, que é oriundo de seu casamento anterior, no qual foi viúvo.

Na mansão em que mora Carlos Daniel e Paola, moram, além das crianças: Piedade (Libertad Lamarque) avó de Carlos Daniel, que é alcoólatra e tem crises de Síndrome de Abstinência Alcoólica; a irmã de criação de Carlos Daniel, Estéphanie (Chantal Andere), com o marido Willy (Juan Pablo Gamboa); um casal em crise, pois Estéphanie é cristã conservadora e só anda de preto e cabelos amarrados, e que vive em torno das traições do marido, que supostamente a traiu com Paola.

Moram na mansão também os empregados Adelina (Magda Guzmán) amiga e fiel escudeira de Piedade, e mãe verdadeira de Estéphanie (descoberto no final da trama), Lalinha (Paty Díaz) escudeira fiel de Paola, Chico (Tito Guizar), Filomena (Maria Luiza Acalá) e Pedro (Emiliano Lizágarra).

A mansão também é frequentada por Leda (Dominika Paleta), que é apaixonada por Carlos Daniel, e Paola a vê como uma rival, e o casal Rodrigo (Armando Buquet) que é irmão de Carlos Daniel e Patrícia (Jéssica Jurado) cunhada de Carlos Daniel.

Na trama, em uma viagem, Paola, embriagada, encontra Paulina trabalhando no toalete, se impressiona com a semelhança de sua suposta sócia com ela, e em seguida a acusa de roubo, obrigando-a a aceitar uma proposta em que Paulina a substituisse em sua volta a mansão Bracho, por um ano, enquanto Paola viaja.

Paola tem vários amantes no decorrer da trama, e inclusive um ex-marido anterior à Carlos Daniel, no qual ela o abandonou, que no caso é Douglas Maldonado (Miguel de León) por ter se casado com ele com identidade falsa, de nome Noêmia. Paola ainda tenta voltar com Douglas Maldonado usando a identidade de Paola Bracho, isso tudo após Paulina ter se aproximado do milionário, utilizando a identidade de Paola Bracho, ao pedir um empréstimo em dinheiro para salvar a Cerâmica Bracho da falência.

Paulina, no decorrer da trama, é presa pelo crime de usurpação após uma investigação da polícia sobre um possível sequestro de Carlinhos, que ficou desaparecido na trama, durante a volta de Paola, e saída de Paulina da mansão, realizada por elas de forma discreta, mas elas não contavam que a família teria descoberto a troca. Paola foge da mansão para viver com Douglas Maldonado.

Paulina é presa, Paola retorna para a mansão fingindo estar em cadeira de rodas, após ser abandonada em um hospital por Douglas após uma crise neurológica, e descobrem-se irmãs. Paola processa Paulina na justiça e perde. Paola é desmascarada pela enfermeira, e morre em um acidente de automóvel tentando matar a enfermeira. Paulina se casa com Carlos Daniel.

Fazendo agora uma netnografia sobre uma cena da novela, Paola, na novela A Usurpadora, de 1998, tem um histórico na trama com diversos amantes, e em um diálogo com Piedade é citado:

Paola:

- Quer dizer que você tem alma de cozinheira Piedade?

Piedade:

- E você tem de quê?

Paola:

- De Lucrecia Borgia, pois tenha cuidado porque mesmo inválida como eu estou, saberia dar um jeito de envenenar você.

(A USURPADORA, 1998)

Imagem 3. Cena de A Usurpadora. Sem número do Capítulo definido.

Descrição: Paola ri junto com Leda após o diálogo ofensivo contra Piedade, se equiparando a Lucrécia Bórgia. Piedade se retira do Jardim, enquanto a vilã gargalha.

Fonte: Globoplay, 2023.

Aqui observamos a interação entre três personagens, escritas nos anos 1960 por Inpes Ródena e adaptada em 1998 pelos novelistas Carlos Romero, Beatriz Sheridan e Nathalie Lartilleux. Há uma reprodução, portanto, da mesma personalidade má apropriada dos autores homens da literatura moderna.

Considerações finais

Foi realizada uma análise e uma apropriação de mídias audiovisuais produzidas originalmente pela rede de televisão mexicana TelevisaUnivision, e pela brasileira Rede Globo.

São mídias distintas, originalmente produzidas em épocas diferentes, uma pela Televisa em 1998, e outra em 1985 pela Rede Globo. Ambas foram reprisadas no ano de 2017 pelas emissoras SBT, que tem parceria com a Televisa para a exibição das tramas mexicanas, e outra pelo Canal Viva, que pertence ao sistema Globosat de televisão a cabo, pertencente as mídias Globo. Ambas estão disponíveis no ano de 2023 pelo streaming da Globoplay.

Em ambas as tramas observamos a má-apropriação da personalidade de Lucrécia Bórgia, e no decorrer da pesquisa, foi realizada uma busca pela origem desse tipo de apropriação.

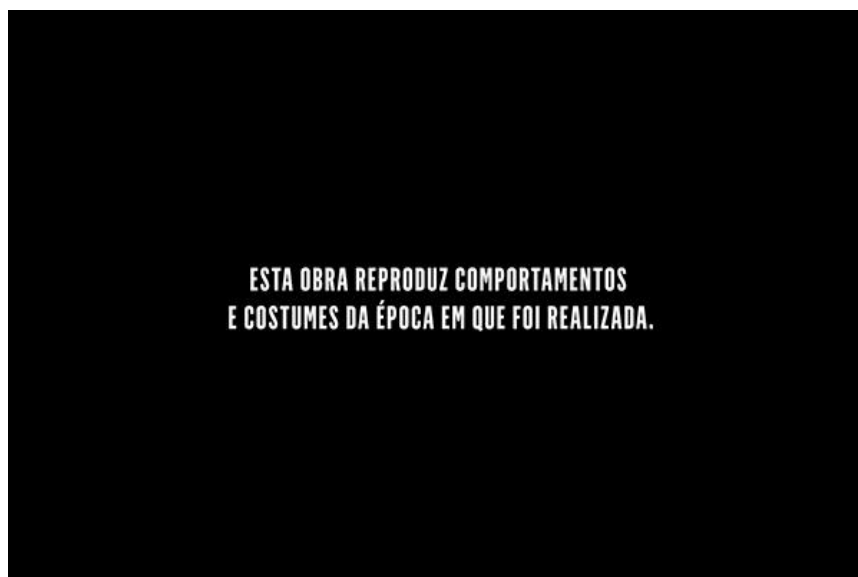
Nas pesquisas bibliográficas, compreendemos a partir de VIEIRA (2015), que há um estereótipo na História formado a partir do Iluminismo e da era do Romantismo na Europa, sobre a Família Bórgia, e também sobre Lucrecia Bórgia.

AZEVEDO, et. Al (2007) nos faz pensar que o estereótipo da Lucrecia Borgia, mulher má e envenenadora de maridos, também surge como uma crítica patriarcal a mulher que está à frente do seu tempo, que na prática não realiza obrigações com a religião ou com os mandamentos bíblicos.

Paola Bracho e Jô Penteado são mulheres que desafiam regras religiosas, e são construídas em países aonde a predominância religiosa na política e na sociedade é grande. O que faz as personagens serem rotuladas em certos momentos nas novelas, são cenas onde são transgressoras com os padrões sociais patrarcais nas novelas: é quando Jô Penteado e Paola Bracho são desconstruídas dos laços religiosos do casamento, em certos pontos nas novelas, e as paixões rápidas também as movimentam nas tramas.

Assim, voltando ao argumento já relatado aqui anteriormente, há um estereótipo montado sob um ponto de vista religioso na elaboração de personagens mulheres nestas novelas, com personalidades fortes, e políticas, com a intenção de venda para o consumo de um público específico (HAMBURGUER, 1998), e a produção e os autores dessas novelas, expressam a crítica desse público conservador de época sobre essas mulheres, quando as vilanizam, através da comparação com outro estereótipo de Lucrecia Bórgia. Seria um estereótipo do estereótipo.

As novelas de 1985 e 1998 no entanto, são reproduções de estereótipos criados no século XVIII sobre a Lucrecia Bórgia. E ambas reprisaram em mesmo horário por empresas concorrentes, que visam a venda de estereótipos femininos (COSTA, 2000). Anos depois essas mesmas novelas foram disponíveis no streaming da Globoplay. Fato importante é que o Canal Viva, pertencente aos Canais Globo (antigo Globosat) reprisou A Usurpadora no ano de 2022 com a seguinte mensagem (imagem 4) no final de cada capítulo:

Imagem 4. Indicação sobre anacronismo realizada pelo Canal Viva

Fonte: Canal Viva, 2023.

Esta mensagem tem importância para darmos atenção ao anacronismo, já que essas produções da teledramaturgia não representam precisamente o tempo atual.

Devemos ter cuidados com os estereótipos construídos. Este texto é uma crítica as apropriações realizadas por textos que carregam marcas de uma época em que o mundo era diferente do vivenciado nas novelas. O mundo nos anos 1980 e 1990, são diferentes do estereotipado por Victor Hugo e também por Ferdinand Gregoróvius, a partir de uma visão machista sobre a personalidade de Lucrecia Borgia. Há também apropriações feitas por políticos e teóricos que criticam o regime monárquico entre o Renascimento e o Iluminismo. Temos que ficar atentos aos estereótipos de personalidades construídos também em sala de aula, como por exemplo, no ensino de História. A importância da pesquisa Histórica é essencial para construir dados para discutir personalidades em sala de aula, para que não se reproduza dados de memória falseada, e sejam os dados de qual tempo for, precisamos entender também os problemas de época.

Tanto *A Usurpadora* (1998) e *A Gata Comeu* (1986) são adaptações, ou remakes de novelas anteriores. *A Usurpadora* tem inúmeras versões, inclusive uma realizada pela Televisa em 2019. A primeira versão de *A Usurpadora* é uma radionovela nos anos 1960, editada por Inés Ródena, novelista latina. *A Gata Comeu*, é baseada em *A Barba Azul* (1975) e ambas são de autoria de Ivani Ribeiro. Não temos dados se a fala de Paola Bracho (1998) foi repetida anteriormente em outras tramas anteriores

como *O Lar que Eu Roubei* (1981), mas na versão de 2019, não há esta fala. Já no Caso de *A Gata Comeu*, na versão anterior *A Barba Azul* (1975) Jô Penteado é chamada de forma jocosa de "Barba Azul", um estereótipo de um personagem de Charles Perrault do Século XVII que tinha fama de desaparecer com suas esposas. Observando hoje como as mulheres são tratadas ou silenciadas por consequências do machismo, devemos rever como a história dessas mulheres são retratadas, para não sermos injustos com a luta política delas.

No caso das mulheres históricas, os estereótipos podem ser particularmente prejudiciais. Muitas vezes, as mulheres são retratadas como figuras secundárias ou subordinadas, o que pode levar a uma compreensão inadequada de sua contribuição para a sociedade. Além disso, os estereótipos podem obscurecer a verdadeira história dessas mulheres, bem como sua luta contra a opressão e a discriminação. Isso pode levar a uma compreensão incompleta e inadequada da história, o que pode ter consequências negativas para a educação e a sociedade como um todo.

A formação de estereótipos, estigmas ou rótulos sobre personagens mulheres históricas pode gerar problemas para o ensino de História. Isso ocorre porque essas representações simplificadas e muitas vezes distorcidas podem obscurecer a verdadeira história dessas mulheres, bem como sua contribuição para a sociedade, como Lucrecia Bórgia foi no passado. Além disso, a perpetuação desses estereótipos pode levar a uma compreensão incompleta e inadequada da História, como disciplina, o que pode ter consequências negativas para a educação e a sociedade como um todo.

Assim, o que podemos aprender com esses exemplos da dramaturgia é que uma pesquisa histórica se faz necessária pelas produções das telenovelas, para que eventos históricos não sejam ensinados pela teledramaturgia de uma forma imprecisa ou com erros históricos como por exemplo, a reprodução de estereótipos de gênero ou estigmatizações sobre a mulher. Nós Professores de História precisamos realizar pesquisas para que tenhamos fontes precisas, inclusive para ministrar as nossas aulas, portanto que seja importante a confiança na pesquisa Histórica por uma não reprodução dos estereótipos de gênero, seja em qual espaço for, da sala de aula ou na consultoria Histórica para uma empresa como a TV Globo.

Referencias Bibliográficas:

AZEVEDO, Daniela Grillo de; Et al. *Lucrecia Borgia: sua Imagem no renascimento e na contemporaneidade*. XVI Congresso de Iniciação Científica. Universidade Federal de Pelotas, 2008.

A Usurpadora. Inés Ródena/Carlos Romero/Beatriz Sheridan/Nathalie Lartileux. Globoplay, 2023 [TelevisaUnivision, 1998].

A Gata Comeu. Ivani Ribeiro/Herval Rossano. Globoplay, 2023 [TV Globo, 1985].

BASTOS, Rodolpho Alexandre Santos Melo; NOGUEIRA, Joanna Ribeiro. Estereótipos de gênero em contos de fada: uma abordagem histórico-pedagógica. *Dimensões*, n. 36, p. 12-30, 2016.

BLOCH, M. Comparaison. *Revue De Synthèse Historique* LXIX (boletim anexo): 31-39, 1930.

BEARD, Mary. **Mulheres e poder: um manifesto**. Editora Planeta do Brasil, 2018.

BUSTAMANTE, R. M. da C.; THEML, N. . História Comparada: olhares plurais. *Revista de História Comparada (UFRJ)*, v. 1, p. 1-23, 2007.

COSTA, Cristiane. “Desgraça pouca é bobagem”, “Nada pessoal” e “El amor tiene cara de Mujer”. In: *Eu compro essa mulher – romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. pp.47-102.

DA SILVA, Giovani José; DA COSTA, Marcella Albaine Farias; LIMA, Fabiano Cabral de (Orgs) (no prelo). *Ensino de História e Teledramaturgia*. Paco Editorial, 2024.

GRILLANDI, Massimo. *Lucrecia Borgia*. – São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 3 ed. Trad. Maria C. S. Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

HAMBURGER, Esther. “Diluído fronteiras: a televisão e as novelas do cotidiano”. In: NOVAIS, Fernando & SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). *História da Vida Privada no Brasil 4 – Contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p.439-487.)

HUGO, Victor. *Lucrezia Borgia*. A cura di Mario Roffi. Ferrara: Liberty house, 1994.

MISSE, Michel. O estigma do passivo sexual. **Rio de Janeiro: Achiamé-Socci**, 1979.

MOREIRA, Virginia; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; VENÂNCIO, Nadja. O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, p. 398-406, 2011.

SALVINI, Leila; SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, p. 559-569, 2015.

SCOTT, Joan. **Gender on the Politics**. History. New York: Columbia University Press, 1988.

TAPIOCA NETO, Renato. A filha do Papa: a interessante história de Lucrecia Borgia. **Rainhas Trágicas**. 15 de maio de 2013. Blogue: <https://rainhastragicas.com/2013/05/15/lucrecia-borgia/>

VAILLANT, Alain; V. A. Mundialização, entre nacionalismo e mundialização. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, 5(2): 1: 263, p. 79-90, jul./dez. 2003.

VIEIRA, J. H. R.. Lucrecia Borgia e Ferdinand Gregorovius: uma interrelação em linhas. **Revista Discente Outras Fronteiras**, v. 2, p. <http://ppghis.c>, 2015.